



## CULTURA DA PAZ E A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA EM INSTITUIÇÕES ESCOLARES: ALGUMAS POSSIBILIDADES

Nilma Fernandes de Miranda Silva<sup>1</sup>  
Michele Lemos de Oliveira Sousa Carvalho<sup>2</sup>  
Valéria Peres Asnis<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta reflexões das formas de violência impregnadas em nossa sociedade, em especial, a violência que ocorre nas instituições escolares. Tem como objetivo de estudo refletir as formas escancaradas e sutis de violências que estão impregnadas no espaço escolar e elencar possibilidades para que ações possam ser desenvolvidas, através da implantação de uma Cultura de Paz dentro das escolas. A metodologia do trabalho se insere na abordagem qualitativa, tendo como procedimento a pesquisa bibliográfica e documental. Entende-se que implantar uma cultura de paz perpassa por capacitação profissional e desenvolver uma comunicação não-violenta, através da escuta ativa e atenta, para transformar a cultura tradicional em cultura da paz.

**Palavras-chave:** Educação; Cultura da paz; Comunicação não-violenta.

### INTRODUÇÃO

As situações de violência, que tem crescido e preocupado as sociedades, têm sido vivenciadas também, dentro das instituições escolares; situações essas que surgem e ressurgem com tanta naturalidade. Diante dessa problemática, fazemos alguns questionamentos: de onde vem tantas atitudes de intolerância para com o outro? Esse outro podendo ser alguém da sua própria casa, um vizinho, um colega de sala de aula, uma animal na rua; esse ou essa passa a ser visto como algo ou alguém próximo ou distante que deverá ser eliminado a qualquer custo. Mediante reflexão, o presente artigo tem como objetivo procurar refletir as formas escancaradas e sutis de violências que estão impregnadas nos espaços escolares e elencar possibilidades para que ações possam ser desenvolvidas, através da implantação de uma Cultura de Paz dentro das escolas, considerando que somos seres produtores de conhecimentos e sujeitos históricos transformadores da realidade em que nos encontramos.

Historicamente, sabemos que os processos de violência sempre existiram, desde a antiguidade até os tempos atuais, por isso, precisamos trabalhar com políticas públicas efetivas que venham fortalecer uma Cultura de Paz no interior da nossa sociedade. Enquanto pesquisadoras, temos a escola como um local de oportunidades para se trabalhar com políticas

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada à linha de pesquisa Estado, Políticas e Gestão da Educação. Membro do Grupo de Pesquisa Diversa/UFU. E-mail: nilmademiranda@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada à linha de pesquisa Estado, Políticas e Gestão da Educação. Membro do Grupo de Pesquisa Diversa/UFU. E-mail: michele.carvalho@ufu.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação Especial. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Líder do grupo de pesquisa DIVERSA/UFU. E-mail: valeria.asnis@ufu.br



de pertencimento, a fim de desenvolver novas individualidades e instalarmos de forma coletiva políticas públicas tão necessárias para que os indivíduos possam se reconhecer enquanto pessoas produtoras de conhecimento e que, na possibilidade de troca com o outro, desenvolvam o seu real potencial, bem como, da sua comunidade.

Na atualidade, ainda existem sociedades que acreditam ser superiores às outras ou possuidoras de um determinado território, assim, impondo várias formas de dominação. Além da conquista de novos territórios que dizimam as populações em guerra, nos deparamos com a violência física, violência moral, violência psicológica entre tantas outras que acabam fazendo com que o ser humano se torne invisível.

Nesse sentido, somos colocados em um espaço no qual aprendemos a ser sobreviventes de políticas, que em muitas vezes, encontram campos férteis para que sejamos levados a reproduzir práticas e ideologias que nos alienam, tornando nos frágeis e indiferentes perante a tantas situações de desrespeito para com o próximo. Dentre tantos exemplos, ressaltamos sobre o porte de armas, que, em nome da segurança pessoal, parcela da população foi conduzida a pensar que parte dos problemas sociais seriam solucionados se cada cidadão tiver permissão ou for possuidor uma arma de fogo.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo insere-se no campo da abordagem qualitativa, que para Minayo (2009) é uma abordagem que trabalha:

[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendida aqui como parte da realidade social pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2009, p. 21).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, em seu artigo 12, estabelece as incumbências dos estabelecimentos de ensino, destacando o inciso X: “estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.”

Diante da problemática da violência na escola, o presente trabalho busca apreender as questões que envolvem o objeto desta pesquisa através da abordagem qualitativa. visando encontrar pesquisas fundamentais para a construção do trabalho. Realizou-se a busca de artigos que abordam a cultura da paz, educomunicação e comunicação não violenta, através das bases de busca: SciELO Brasil e portal de periódicos da CAPES.



## DESENVOLVIMENTO

Como vivemos em uma sociedade capitalista, onde se cria e recria diferentes e sutis formas de dominação, acabamos sendo envolvidos e responsabilizados, tanto pelo nosso sucesso, como pelo nosso fracasso. Dessa forma, reforça-se que a sociedade é cheia de possibilidades, e nós, “cidadãos” que fazemos parte dela, ao não “aproveitarmos” essas oportunidades, somos culpabilizados, desse modo, somos envolvidos pela lógica do capital humano.

Na medida em que somos envolvidos nessa lógica do capital humano, faz-se necessário compreender os mecanismos nos quais somos induzidos a acreditar no processo de meritocracia, como a única alternativa para que nós seres humanos possamos alcançar o “topo da montanha”. Assim, acabamos desconsiderando as singularidades de cada indivíduo e em consequência disso, perdemos as oportunidades de conhecer as potencialidades de cada um, que ao fazer parte de um coletivo, podemos vivenciar situações que venham contribuir para que sejamos mais solidários e mais empáticos para com o outro.

Nesse modelo econômico a escola não poderia ficar de fora, visto que, é nesse espaço que os grandes empresários conseguem legalmente a transferência do dinheiro público para o setor privado, sendo uma forma de afirmar sua ideologia enquanto classe detentora de capital. Em vista disso, vivenciamos pacotes que são enviados para as escolas, a fim de que se possa reproduzir as relações de dominação que estão postas na sociedade. Muitos desses pacotes ensinam apenas a realizar as provas, objetivando cumprir metas que são colocadas pelo mercado internacional e os grandes bancos que financiam nossa economia. Destarte, a escola passou a ser um espaço de disputa empresarial, um campo fértil e rendável de dominação econômica e intelectual.

Importante ressaltar que essa mesma sociedade que utiliza das suas artimanhas de ordem e progresso, lança seus grandes tentáculos como meios de persuadir o indivíduo, de forma a reproduzir e a produzir tantas desigualdades. Dentre esses grandes tentáculos, pode-se destacar a mídia, que com toda a sua influência, pois também está a serviço desse grande capital, permeia o interior das relações e através da informação a serviço da desinformação acabam por contribuir e disseminar ódio em todos os cantos da sociedade.

Neste contexto, surge outra análise: ao pensar a situação atual e a velocidade que as informações surgem e ressurgem, acabam por tirar o foco para situações simples que são reproduzidas dentro da nossa sociedade. Para que se possa pensar nas inúmeras possibilidades de instalar uma Cultura de Paz em nossa sociedade, devemos encará-la como uma política



pública necessária para que os espaços do cotidiano possam permitir que essa cultura se consolide. Busca-se aqui elucidar questões que possam ser enfrentadas para que, nos espaços conscientes de forma dialógica e principalmente de forma coletiva, possamos perceber como atitudes violentas transitam em nossa sociedade, sendo concebidas em um princípio de normalidade. Desse modo, tem-se como ancora principal a questão midiática em nossa sociedade.

Ao voltarmos nossos olhares para a instituição escolar, essas reflexões são de suma importância, uma vez que a escola faz parte dessa sociedade, e enquanto pesquisadoras e profissionais de escolas públicas, vivenciamos essas inquietações no nosso cotidiano, pois, é no espaço escolar que muitas situações de violências são escancaradas, como exemplo, o abandono, desrespeito, falta de moradia, falta de emprego entre tantas outras. Diante disso, surgem algumas inquietações: O que essas crianças querem da escola? O que desejam? O que faz com que suas famílias as tragam para escola, além das questões legais? Têm a escola como local de guarda? Ou a escola é tratada como um local de produção de conhecimento? Será a escola um local de segurança para os(as) estudantes?

Ademais, têm-se questões importante para analisarmos, considerando o motivo pelo qual muitas instituições escolares acabaram sendo alvos de ataques também na figura do professor. Por que tanta violência? Por que tanto ódio, uma vez que os professores são, na escola, os que estão mais próximos aos alunos? Com esses questionamentos, surge a reflexão: justamente pelo fato de os professores serem próximos aos alunos é que favorece o acontecimento desses ataques, pois, o estudante o chegar na escola, vai se deparar com profissionais que vão olhá-lo de frente, sendo esse olhar acolhedor ou, infelizmente, um olhar que demonstra indiferença ou agressividade. Além disso, também percebemos na escola negligências, acompanhamos formas expostas e sutis de abandono e violências a nível social e intelectual.

A Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz ONU/1999, estabelece em seu artigo 8 que

[...] desempenham papel-chave na promoção de uma Cultura de Paz os pais, os professores, os políticos, os jornalistas, os órgãos e grupos religiosos, os intelectuais, os que realizam atividades científicas, filosóficas, criativas e artísticas, os trabalhadores em saúde e de atividades humanitárias, os trabalhadores sociais, os que exercem funções diretivas nos diversos níveis, bem como as organizações não governamentais. (Artigo 8º - Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz ONU/1999).



Nessa lógica, buscamos pensar de forma dialógica ao trabalhar com a cultura da paz, objetivando alcançar caminhos e possibilidades para a promoção dessa cultura. A escola enquanto um espaço coletivo de construção de conhecimento e de pertencimento, torna-se campo fértil para que ações afirmativas possam nascer e florescer, uma vez que, é no espaço escolar que os estudantes conseguem se apresentar como são, como agem, como vivem, o que assistem, o que presenciam, além de ser um local de aproximação.

Desse modo, Geraim Monteiro, Lima-Berton e Asinelli-Luz (2021) esclarecem que

Entende-se assim que a organização escolar deve valorizar as relações coletivas estabelecidas de modo a facilitar a construção do conhecimento, considerando a amplitude da complexidade do comportamento e desenvolvimento humano em prol da paz. Daí a importância da introdução de valores sociais e conceitos da Cultura da Paz que priorizem o respeito e a dignidade humana, prevenindo as violências que estão arraigadas no ambiente escolar (GERAIM MONTEIRO; LIMA-BERTON; ASINELLI-LUZ, 2021, p. 303).

A política neoliberal que também incorporou a escola, é vivenciada no que tange aos recursos financeiros destinados para as instituições escolares, os quais pode-se destacar: falta de investimento, falta de infraestrutura, falta de Políticas Públicas, falta de merenda, entre tantos outros, que venham realmente ao encontro do fortalecimento do coletivo. Desta forma, constatamos que entre saídas de governos e entradas de novos governos, os investimentos no setor educacional são focados em políticas de governo, porém não em políticas de Estado que tenham continuidade a fim de favorecer e fortalecer o coletivo, visando uma transformação social das escolas.

Contudo, a escola não pode ser vista como uma mercadoria, um lugar de apropriação capitalista. Laval (2019), reforça que

a escola neoliberal nega profundamente a função cultural da escola. É nesse sentido que Gilles Deleuze afirmou que, em consequência das reformas, a escola estava em liquidação. A imposição dos valores da utilidade e da eficiência *destrói* não só o modelo escolar antigo, mas também a função antropológica e histórica da escola (LAVAL, 2019, p. 94).

Juntamente com essa política de estado mínimo, reforçamos novamente o papel da mídia dentro da sociedade, bem como, nas relações que são colocadas dentro da escola. Pode-se evidenciar como a mídia, enquanto em sua maioria composta por empresas privadas que visam os ganhos e os lucros, é utilizada como instrumento de condução das massas e, no entanto, pode contribuir para que os espaços escolares passem a ser vistos como lugares perigosos. Para exemplificar, a instituição escolar, durante quatro anos, foi bombardeada pela





mídia como algo ruim e perigoso, conseqüentemente, a sociedade foi sendo manipulada para ficar em oposição à ciência, universidade, escola e aos profissionais da educação. Nesse período, como posteriormente, é visível como mídia trabalha a serviço do grande capital.

Através da mídia, a sociedade acompanhou ataques às escolas, alunos e profissionais, sendo o mais recente no dia 23 de outubro/2023, que ocorreu na Escola Estadual Sapopemba, na zona leste de São Paulo. Este foi o nono caso de violência em escolas no Brasil neste ano, período em que nove mortes foram registradas.<sup>4</sup> Enfastiante que essa mesma mídia não busca realmente problematizar todo o contexto em que se encontram esses deploráveis processos de violência.

Mediante esse grande volume de informações, é imprescindível que todas as instituições escolares, profissionais e comunidade escolar trabalhem para a construção do combate às fake news e à promoção da cultura da paz. Sobre o conceito de fake News, Costa e Romanini (2019) definem que

O termo fake news será aqui conceituado, de acordo com a definição adotada pela Comissão Europeia (CE), como desinformação intencional “criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente o público”<sup>12</sup>. Essa definição expande a sugerida previamente por Allcott e Gentzkow<sup>13</sup>, que as caracterizavam como “notícias que são intencionalmente e comprovadamente falsas, e podem enganar os leitores”. As palavras-chave que as unem são “intencional” e “enganar”, o que parece ser um denominador comum entre as fakes news. No entanto, a CE reconhece que fake news não são necessariamente desinformação empacotada em forma de notícias jornalísticas, mas podem ser qualquer conteúdo enganoso que circule com virulência pelas redes sociais (COSTA; ROMANINI, 2019, p. 68).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre tantos espaços, elege-se a instituição escolar como um espaço coletivo, por ser um local de construção de possibilidades. Neste espaço, as diversidades devem ser vistas e entendidas como possibilidades de encontro e reencontro com as diferenças. Não se detêm aqui uma visão romântica de salvação, mas sim, um local de adversidade no qual deve-se aprender, juntamente com a família, reconhecer o diferente. Nesse momento, a intenção é ir além da diversidade, busca-se refletir na diferença. Entende-se que dentro da diversidade existem pessoas diferentes umas das outras, dessa forma, a diferença sempre vai existir por si mesma, a diferença está na essência dos sujeitos.

O trabalho com as diferenças deve estar dentro das escolas, através do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do currículo escolar. Dessa forma, é imprescindível dar oportunidades reais

<sup>4</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/10/23/brasil-chega-a-nove-ataques-a-escolas-no-ano-patamar-recorde-relembre-casos.htm>



para que alunos e alunas entejam imersos em todos os processos escolares. Estamos inseridos em uma sociedade capitalista, e, para que se possa dar oportunidades reais para todos os estudantes nas instituições escolares, podemos falar em justiça distributiva, ou seja, o princípio da discriminação positiva. Conforme esclarece Dubet (2004),

o ideal meritocrático consiste em dar a mesma coisa para todos, e sabemos que, no caso da escola, estamos longe disso. Mas esta concepção de justiça será suficiente se considerarmos que as pessoas e os grupos sociais não são iguais diante da escola? Para obter mais justiça, seria necessário que a escola levasse em conta as desigualdades reais e procurasse, em certa medida, compensá-las... introduzindo mecanismos eficazes e centrados nos alunos e em seu trabalho: estudos dirigidos, atividades esportivas e culturais, estabilidades e qualidades de equipes educacionais (DUBET, 2004, p. 545).

Promover a cultura de paz nas escolas é envolver toda a comunidade escolar através da comunicação não-violenta (CNV). Desse modo, Almeida, Barros Oliveira e Souza Brum (2019) esclarece que

a comunicação não-violenta concentra-se nos sentimentos e nas necessidades humanas e não nos padrões rotulados que desumanizam e contribuem para o fomento da violência contra si e contra os outros. Com a comunicação não-violenta há um processo de capacitação das pessoas para o diálogo criativo que impacta, conseqüentemente nas relações sociais de forma positiva, proporcionando transformações da cultura tradicional para a cultura de Paz (ALMEIDA, BARROS, BRUM, 2019, p. 478).

Outra possibilidade de promover a cultura da paz, pode ser consolidada através da escuta ativa e da realização de rodas de conversa, utilizando a técnica do grupo focal. Enfim, trabalhar juntamente com toda a equipe utilizando em todo o espaço escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa conjuntura, podemos pensar em ações afirmativas, que possam contribuir com possibilidades de políticas que venham concretizar uma cultura da paz, através da compreensão das diferenças. Aprender a dialogar com esse diferente passa a ser fundamental e necessário, principalmente, nos tempos atuais, onde o individualismo e a competição estão cada vez mais atreladas no isolamento e, ganhar a qualquer a custo, não importando com o outro, tem sido tratado como algo natural. Nesse sentido, as ações nas escolas devem ser voltadas para promover um espaço que consiga cumprir sua função enquanto instituição, sabendo da sua importância e juntamente com outras instituições, trabalhar com políticas que venham ao encontro com o outro, pensadas enquanto locais de possibilidade, entendimento, escuta e socialização, trabalhando com a comunidade a empatia, que o escutar não nos torna fracos ou



mais frágeis na sociedade, e sim, nos tornamos seres humanos melhores, mais empáticos e solidários.

Entendemos que uma cultura de paz perpassa por direitos e deveres e a promoção dessa cultura pela escola, deve-se ter um currículo revisitado e reconstituído constantemente, que valoriza e trabalha de acordo a realidade da comunidade escolar. Deve-se ter na escola uma alimentação saudável, construir uma horta comunitária, onde se planta, cuida, colhe e leva para a casa. Renovar o diálogo embasado em uma comunicação não-violenta, aprender a ouvir, aprender a ter uma postura comunicativa, com a expressão corporal, facial e a entonação da voz adequadas para o diálogo, além de aprender a se comunicar com gestos e é fundamental a valorização e a preparação dos professores. Na comunidade escolar ter locais destinados para o lazer, para a prática de esportes, de cursos, e de convivência que valorizam as boas práticas humanas, a gentileza, o respeito, a diversidade, as singularidades, enfim, um espaço para o aprendizado, um lugar de encontro e reconhecimento do multiculturalismo.

Sendo assim, ao trazermos essas reflexões, torna-se visível que precisamos exercer a empatia, ser mais solidários, ser mais cuidadosos uns com os outros através do nosso olhar e dos nossos gestos. Uma vez que somos dotados de inteligência, produzimos conhecimentos e conseguimos transformar as diversas realidades nas quais vivenciamos e através da comunicação não-violenta poderemos efetivar uma verdadeira cultura de paz em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristovao Domingos De; BARROS OLIVEIRA, Simone; SOUZA BRUM, Letícia. DA COMUNICAÇÃO NÃOVIOLENTA À CULTURA DE PAZ: círculos, narrativas e contribuições. **Revista observatório**, Palmas, v. 5, n. 4, p. 463-480, jul.-set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p463>. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Desktop/congresso%20historia/cultura%20da%20paz/DA%20COMUNICACAO%20NAO%20VIOLENTA.pdf>. Acesso em 07 Nov. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 05 Nov. 2023.

CASTILHO COSTA, Maria Cristina; ROMANINI, Anderson Vinicius. A educomunicação na batalha contra as fake news. *Comunicação & educação*, Ano XXIV, número 2, p. 66-77, jul/dez 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Desktop/congresso%20historia/cultura%20da%20paz/educomunicacao%20e%20fake%20news.pdf>. Acesso em: 06 Nov. 2023.

DUBET, François. O QUE É UMA ESCOLA JUSTA? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Desktop/dubet%202004%20-%20discriminacao%20positiva.pdf>. Acesso em 07 Nov. 2023.





GERAIM MONTEIRO, Michelle Popenga; LIMA-BERTON, Tatiane Delurdes De; ASINELLI-LUZ, ARACI. A importância da inserção da cultura da paz no currículo escolar. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí. Ano 36, nº 114, p. 301-315. Maio/Ago. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2179-1309.2021.114.301-315>. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Desktop/congresso%20historia/cultura%20da%20paz/CULTURA%20DA%20PAZ%20NO%20CURRICULO.pdf>. Acesso em 05 Nov. 2023.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. Boitempo Editorial; 1ª edição; 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ONU. Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz. RESOLUÇÕES APROVADAS PELA ASSEMBLÉIA GERAL A/RES/53/243, 1999. Disponível em: <https://www.comitepaz.org.br/download/Declara%C3%A7%C3%A3o%20e%20Programa%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20uma%20Cultura%20de%20Paz%20-%20ONU.pdf>. Acesso em: 05 Nov. 2023.